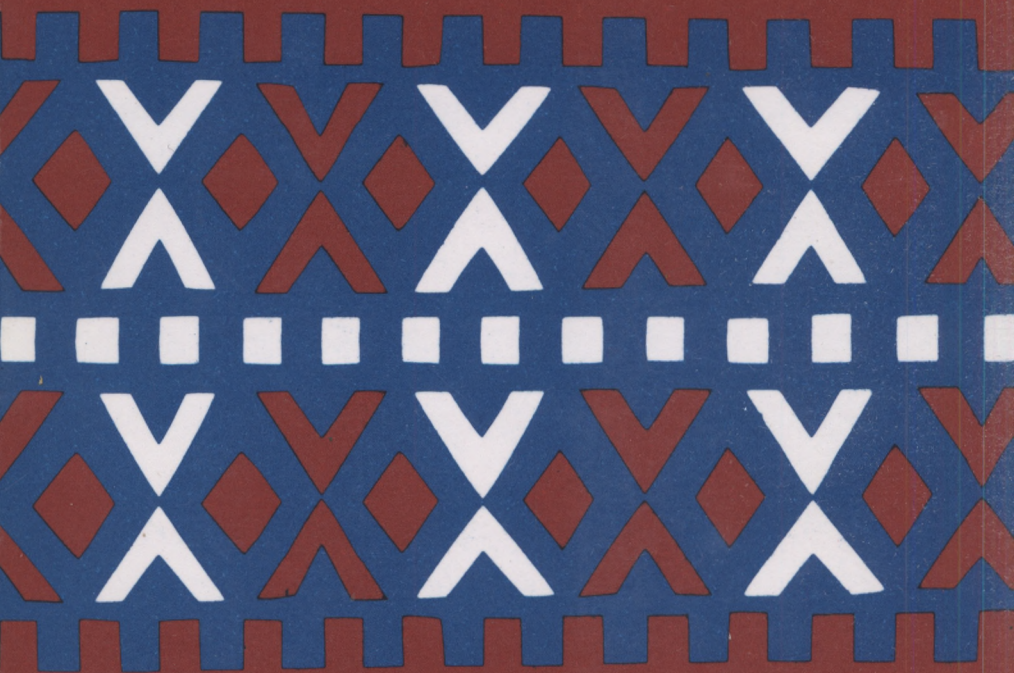


Πορτ/η
V954

VOROBIOŨ



SIGNOS

MYKOLA VOROBÍÓW

SIGNOS

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1994

Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski
Revisão: Ingeborg Hartl

Série PYSSANKA:

- 1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)**
- 2. Iván Dratch: ASAS (1993)**
- 3. O Grupo de Nova York: COLMÉIA (1993)**
- 4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)**

Capa e colagens: WW
© Mykola Vorobiów
Wira Selanski



Mykola Vorobiów, 1969

POESIA DE SIGNOS OCULTOS

Mykola Vorobiów nasceu no ano de 1941 na aldeia Melnykiwká, na região de Tcherkassy. Começou como trabalhador em construções civis, entrando mais tarde para o Instituto de Artes Cênicas em Kiev. Cedo começou a publicar suas poesias em vários periódicos da Ucrânia, iniciando com elas a tendência surrealista, como manifestação de revolta contra a arte social-realista, ditada pelo governo comunista. Por muito tempo, os livros do autor não foram admitidos à publicação.

A tradutora desta coletânea recebeu do poeta, que é também pintor, nos anos 60, um exemplar escrito e ilustrado à mão, que lhe foi confiscado na alfândega do aeroporto de Kiev, como "propaganda anti-soviética".

Taciturno, introvertido, Vorobiów se identifica com a Natureza, que lhe sugere mundos além da percepção empírica. Sem pronunciar nomes, ele acusa atitudes:

"Será que ele precisa daquilo que está comigo, está em
mim?"

Três pescoços — ele há de defender seus três pescoços
Será que ele precisa? Ele é um mestre de deslize —
insubstituível.

E aqueles, atrás da mesa, quadrados —
um como outro? E aqueles atrás do vidro —
será que eles precisam?

E aqueles atrás destas portas, atrás destas paredes,
atrás destes muros, com inúmeros corredores,
inúmeras cavas e locas, só conhecidas por eles —
será que eles precisam?

Eu bem que sei, e tu o sabes
que paredes, subparedes e portas e locas —
são eles próprios e sub-eles."

(PASSEIO A SÓS)

Na poesia de Vorobiów há, nas entrelinhas, muita coisa conspirada. Freqüentemente ele usa elipses e anacolutos, dando, às vezes, a seus versos a impressão de improvisação. Algumas imagens podem ser identificadas como metáforas raras (quando, p. ex. fala da "raiz escura do sol", que se pode entender como sombra); outras vezes suas imagens escapam inteiramente ao mundo do contexto real.

Suas coletâneas foram publicadas a partir de 1985, quando na Ucrânia começou a intensificar-se o espírito da independência:

LEMBRA-ME NO CAMINHO (1985), A LUA DA ROSA SILVESTRE (1986), FRAMBOESA DO HORIZONTE (1988), PASSEIO A SÓS (1990), VOZ SUPERIOR (1991).

WS

XXX

**Grandes rodas correm e correm
ao pôr-do-sol,
alcançando vermelhas e amarelas
carruagens.**

**No sulco de seus marcos
vão carregadores de lanças,
derrubam árvores,
levantam templos.**

**Plantam árvores,
queimam templos.
Ao pôr-do-sol
correm as rodas.**

AMORA DO HORIZONTE

XXX

A luta pela justiça é cruel.
O sentimento de justiça tem meiguice de seda.
Onde estiveres, te edificas —
és teu primeiro amigo,
só que às vezes costumás cair,
abandonando-o.
A vida chega voando em mil setas,
só uma, apenas, fere mortalmente.

AMORA DO HORIZONTE



WM

XXX

Louvemos o clarim dourado,
com o clarim louvemos o dia.

A flor pura e meiga,
a palavra eterna,
ele carrega acima de nós
— o rei de tempos novos —
o anel da vitória em sua mão,
sobre as frentes dos dragões.

Já toca acima de nós
o poço profundo,
a voz sublime,
a luz do primeiro dia.

PASSEIO A SÓS

XXX

Passado o labirinto da noite,
guardo sempre de novo
o fim das trevas.

Elas se findam.
Mas à luz do dia
vejo as mesmas construções
e nelas as silhuetas humanas
inclinadas sobre as coisas.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Com as facas de cinco dedos, com a sexta — a palma da mão,
vós mesmos limpai a face:

não choreis, não caleis no íntimo,
não enxagueis os olhos com cachaça,

cavai a montanha íngreme,
cavai a montanha íngreme —
que não se derrame.

Melhor é achar a si mesmo
do que conservar-se.

A mão mais gasta
colherá o pomo mais alto.

PASSEIO A SÓS

PAREDE

Não dorme a areia, apesar da força da parede.
É claro, poder-se-ia ignorar que se derrama.
Poder-se-ia à vontade procurar inimigos
que com traição a destróem,
mas a essência humana, que se emparedou,
é incaptável, como a areia que se derrama.
E todo o seu anseio, e toda a pujança
dirigem-se ainda mais ao auto-aniquilamento.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Havia primavera, e nós nos encontramos
sem sina, pobres e infelizes,
no país de Judas nós nos encontramos...

Quando tudo vai desabar
e nos sepultar?
Quando há de derramar-se
um túmulo para nós todos?
E o mundo feliz e livre
colocará em cima seu assento dourado...

PASSEIO A SÓS

FERA

De vez em quando, seus dois chifres
aparecem no meio do vale.
A fera está na emboscada.
E todos os dias, cuidadosamente levantando poeira
ou sacudindo-a dos tapetes,
nós não limpamos as suas flores —
nós simplesmente ocultamos a fera.

AMORA DO HORIZONTE

DESPEDIDA

A mãe, junto à boca
segura a mão fechada.
Os favos secos, junto aos lábios,
sussurram na acácia.
O poço, sob o lenço úmido,
segura o balde sobre os joelhos.
A marta da chaminé
foge ao céu do outono.
Teu braço é curto, mãe,
e longe está a maçaneta.
A porta fechou-se.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

MÃOS FRIAS

Olho o fogo: como se as cerejeiras se derramassem.
Tal fogo cerejeiro, como em casa,
a distância não há de bordar para mim,
e da casa ninguém mo há de enviar.

O fogo suspira. O fogo se cala. Torna-se cinza.
Apenas reluzem as folhas das palmas das mãos
com o sol de verão, à tardinha.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

**Ontem coloquei minha mãe no trem
como na terra,
e a terra tremeu...
Voltei ao palácio de neve,
onde perdi a minha vida...**

AMORA DO HORIZONTE



WM

XXX

As flores, deixadas à solidão, endurecem.
Em torno das árvores ronda a grama.
As sombras insinuam-se,
batem asas azuis.
Os zangões trespassam o remoíno vermelho.
O homem tropeça no arbusto — zanga-se.
A água está fria — zanga-se...
Os cogumelos não cresceram — zanga-se mais...
Anda, balança os braços,
cospe para todos os lados.
E os grilos cantam, como se amadurecessem.
E flores, buquês e ervas...

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Eu me colho em botões
sem entender os signos.

E depois me perco,
chegando às folhas.

Os ramos são raios endurecidos.
Deles poder-se-ia forjar um paraíso...
Porém a vida louca de botões amargos
é mais doce.

AMORA DO HORIZONTE

A TERRA E O HOMEM

Semear o grão.
Olhar
como cresce devagar —
e devagar envelhecer.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Penetrar fundo — verdejar,
ainda mais fundo — não se adivinha o azul
que está presente como a luz do musgo.

Se tiveres coragem para ir mais fundo ainda,
ouvirás claro sinos tocarem
sobre a prata esvoaçante da vida.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

A borboleta no meio das flores —
em que página do dia?
E o dia
em qual dos livros?

Estas flores são para a grinalda
ou para um acanhado buquê?
Vai o vento soprar
a semente delas?

Às vezes o não-saber
é razão da felicidade,
porém também ela
reside num dos livros.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Lembramos o poço por causa da água
e não por ser ele
uma alta montanha líquida...
E o salgueiro o que é?
Não é árvore, porém saudade,
nela é o rouxinol
uma bala de prata.

AMORA DO HORIZONTE

DIA BREVE

Casas fluíram,
escorreram as boinas dos tetos —
seixos dourados
abriram janelas em pétalas.

Mulher azul
alimentou a tigela
acrescentando a fonte,
e sobre pedras vermelhas
passou pelo riacho.

VELAS, 1968.

TARDE

O jarro escondeu-se em dalias,
o jarro, qual a tarde
de barba verde,
bebia leite com lábios lilases, —
e a tarde estava lá fora nos ramos...

Depois da chuva, sobre espelhos de prata,
nadavam vacas peludas,
levando panos de frio.

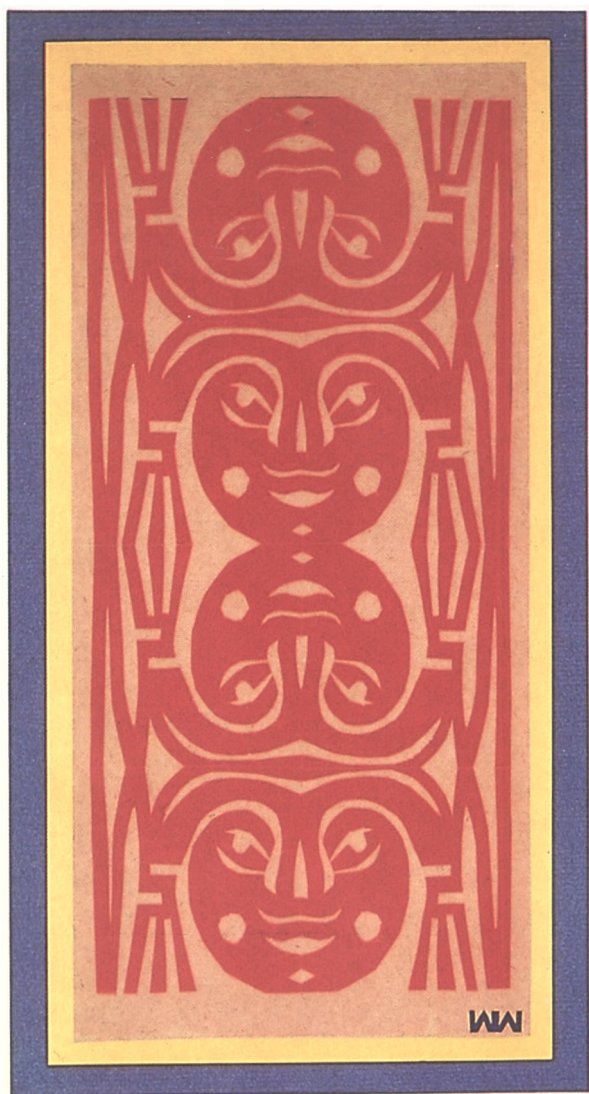
LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

Entre os sonhos e as estrelas
os ramos são mais delgados.
O tamanho das águas é seda.
Do salgueiro goteja a lua,
e pérolas adormecem na areia.

Entre os sonhos e as estrelas
os ramos são mais delgados.

LEMBRA-ME NO CAMINHO



WAW

O AZUL DO POMAR

Silêncio, como se a roupa secasse.
O azul do pomar balança a roupa,
tem nos dedos as unhas verdes da grama.

Silêncio. A criança balança o botão,
mas a peônia hoje ainda não se abre.
Do ninho de denso sono
um fio escuro se tece,
e a criança adormece, com dedos
perdidos na grama.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

Neste ano há vários sóis no pomar.
Procuram-nos —
cresce a parede dos que os buscam.
Encontram-nos —
argila branca da margem.
E à tardinha
o arco-íris do galo
ilumina a pétala da realidade:
a mãe serve o pão para mim.
Para quê?
Para que eu chore...

AMORA DO HORIZONTE

XXX

O rouxinol com círculos dourados
move a água.
E nem é visto no salgueiro
negro da tarde...

LEMBRA-ME NO CAMINHO

ENTARDECER

Tiras de luz
semeadas pelo entardecer,
douradas alças de baldes
já perto da morte.

A árvore amarela da rua
está apenas tépida.
Com a face branca se alegra
a borboleta negra.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

A cabeça sonolenta do galo
remexe na prata partida,
o fosso se enche de vozes,
volta a luz do campo,
esfria em feixe cinzento.

A mãe floresce com graça.
A lua aperta os olhos.
À escama cresce no vidro —
gota por gota
emudece a conversa.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

A casa ficou de ouvidos atentos —
escuta flores.

Nela pernoitam borboletas,
e o grilo não as deixa dormir.

No banco
azulam canecas,
o balde tosse no canto,
alguém bebe água,
alguém não dorme.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

MORANGOS

Ceguei na clareira e por muito tempo
procurei lírios-do-vale.

Na mata cerrada colhi dois morangos
que se derreteram nos lábios,

voltei à clareira, vendo então
que os lírios já murcharam;

tive pena deles me separar,
porém como amar os lírios murchos?...

Nunca mais encontrei aquela menina.

PASSEIO A SÓS

XXX

Limpei os sapatos —
duas borboletas deles esvoaçaram;
apresso-me atrás delas
ao parque
ao encontro da minha flor.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Há muito tempo cobriu-se o rio...
Há muito tempo, qual uma tartaruginha de madrepérola,
tu te encolheste...
O casaco no braço, qual chuva dobrada,
no rosto um nó
apertado...

Naquele rio não há peixe.
Não acredito — porém já partes.
Olho pra trás — tu já partiste...
A chuva goteja, e eu
apago-me qual diamante.

PASSEIO A SÓS



ESTAVAS COMIGO

Havia água
da tarde sob as árvores.
Havia grama lunar
na ribanceira.
Tu estavas próxima —
sementes da maçã à vista.
O som levantou as asas —
deixou-as cair bem longe.
Eu apanhava o vento na mão —
restou-me o vento.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

CARRO NUPCIAL

O galo canta a manhã
um pouco mais azul do lado do rio.
Finalmente seguimos.
Raios de rodas trovejantes, empoeirados,
evitam o nosso carro.
Mas antes de chegarmos à alameda,
o botão-rosa já inflou,
impedindo a passagem.
Agora devemos voltar pela ponte.
Vamos mais rápido, as rodas na estrada úmida
deixam duas fitas azul-escuras,
e as mulheres comentam, olhando:
— É a nossa noiva, são suas fitas.
É a nossa noiva em pranto:
são suas lágrimas.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

O corcel branco ondula o horizonte,
sobre as flores dourado-viçosas
os zangões voam junto ao sol,
as abelhas cercam
as branco-prateadas águas do murmúrio,
emaranharam-se a mata e o campo
e a raiz escura do sol,
agasalhados neles sobem hinos,
andamos de cores vivas trajados,
as sempre-vivas reluzem-nos em rostos,
trajes de cerejeiras descem como coro.

PASSEIO A SÓS

XXX

Os meninos apertam os olhos,
como se no girassol as sementes amadurecessem.
As sementes pesam mais e o sol menos.
Os meninos apertam os olhos
subindo no salgueiro.
Só um se recusa...
— És um covarde! — lhe gritam.
 — Logo mergulharemos! —
E mergulham no fundo do rio.
No fundo do rio está a tarde.
E um dos meninos, qual girassol,
fica na margem.

AMORA DO HORIZONTE

SALA DO CAMPO

Campo, tu olho solar,
na pupila — a caneca de água.
O barco vermelho do sol,
lá o ceifador se inclina qual remo amarelo.

Olho, tu campo solar.
A lua no campo de agosto
é a foice, coberta de espigas.

A flor da bandeira amarela
cem pétalas tem no fundo.

O barco vermelho solar.
Em cima — o dourado violino.
Os dedos da foice — nas cordas.

O ceifador do trival
junto à imensa vela
com ouro trespassa o mar
na hora fecunda dos mares.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

O VENTO

Botões vermelhos.

Depois — enxames vermelhos de pétalas.

Depois — distantes colinas vermelhas.

Quão rápido fenecem as rosas.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

CÍRCULO

3

Sobre o mel escuro do campo
nasceram dourados montes.
Vulcões de luz se afundam
nas espigas pesadas
e aguardam mulheres
em moças de corpos brancos.

6

Noite estrelada e vento.
Com espuma verde
livre farfalha nela.

Cavalos — rosas viçosas
voltaram à casa —
abre-se o cercado
como luz
no fundo do poço.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

Cada outuno
subir a montanha de grãos
e de súbito acordar
na mata primaveril —

Não esqueceremos os mortos,
colhendo brancos lírios-do-vale.

LEMBRA-ME NO CAMINHO



XXX

**Na cinza de fogos apagados
as crianças encontram estrelas.
Algo partiu,
algo veio voando.**

**A escuridão se enche
com aromas de vulcões.**

**De vulcões apagados
brotaram espigas.**

LEMBRA-ME NO CAMINHO

PENEIRA

Barrancos da margem —
peneiras de argila para as andorinhas.

As andorinhas passam pela peneira —
ovos pintados de azul
rolam à sua borda,

rolam para a arribação...

LEMBRA-ME NO CAMINHÓ

MOÇAS

Buquês de rosas silvestres
à tarde junto ao clube.
Os rapazes acariciam
as pétalas róseas claras.
No outono cá e lá
acende-se uma flor solitária,
e as rubras bodas de bagos
incendeiam a aldeia.

DNIPRÓ, Nº 8, 1966

MATA

A mata dourada vai à cidade.

Chega-se à parede de vidro,
aponta o lápis de ouro
e pinta na parede vítrea.

Ontem a mata não veio.

O lápis dourado jaz no barranco.

Chegou à cidade a mata negra.

LEMBRA-ME NO CAMINHO

XXX

O poço esfriou,
no poço está a noite.
— Ha - ha - ha - ha — de cócegas
o balde pula na água,
dedos prateados o fazem rir.

— Ha - ha - ha! — e emudece...
Adormece,
e no sono está cheio de água,
tão pesado e sonolento,
porém leva a água para a casa,
lá se aquece
e conta...

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Entre os crisântemos brancos
luzem as penas do vento calmo.

A cada instante
hão de levantar o vôo os pássaros azuis.

PASSEIO A SÓS

BRANCOS CRISÂNTEMOS

Há muitas primaveras eu cavo o canteiro sob os crisântemos.

Logo-logo surge do chão macio o caco do prato —
ainda a mãe o lavava.

Assim, em roupa de um homem idoso, eu planto
os brancos crisântemos.

PASSEIO A SÓS

A VOZ SUPERIOR

6

A coroa do pomar alteia de ouro,
os campos são lanças verde-amarelas,
as espadas de flores, íngremes,
cobriram esta tarde —
o campo de batalha de dois reis solares...

A redondeza do maior fruto
diante do cansaço da porta,
o relógio do rosto aproxima o dragão.

PASSEIO A SÓS

XXX

Entre as árvores
esvoaça a borboleta noturna,
procura a flor
que cresce à noite.

Talvez ela brote do grão de papoula,
talvez seja estrela longínqua.
Entre as centelhas e estrelas ela vaga,
senta-se na casa tépida e adormece.

LEMBRA-ME NO CAMINHO



PÁSSARO

Apaga flores vermelhas,
esconde nos galhos
a gaiola luzente,
quebra os espelhos com seta —
sua irmã verdadeira...

Se achega com o olho ao frescor do sussurro,
dos carvalhos arranca o musgo,
a selvagem areia esbranquiçada
em vão derrama...
o pássaro ferido
morre...

AMORA DO HORIZONTE

ROSAS AO POETA

Quão rápido tudo passou.
Já vêm rosas.
Queres — leva, não queres — deixa.
O que te dizer, se nem ouves,
como troveja à terra no caixão...

O ramo ainda se inclina, mas o pássaro já partiu.
Agora és dono! Olhas na fenda.
E nas praças — cristal, para ouvir o silêncio.

Vê-se o espelho,
como pausa em espaço curto,
quando pertencias a ti mesmo.

AMORA DO HORIZONTE

XXX

Os errantes não de voltar aos vales verdes,
onde o pássaro azul do rio
voa e nunca morre.

Na margem plantaremos a árvore eterna,
mas nunca iremos dividir
o sol acima de nosso escudo.

Onde está a árvore que crescerá acima de nós,
onde o mestre que forjará a voz,
onde a estirpe de ouvi-la, —
a luz dos dias que deixamos?

PASSEIO A SÓS

ÍNDICE	Pág.
POESIA DE SIGNOS OCULTOS	7
GRANDES RODAS	9
A LUTA PELA JUSTIÇA	10
LOUVEMOS	12
PASSADO	13
FACAS DE CINCO DEDOS	14
PAREDE	15
PRIMAVERA	16
FERA	17
DESPEDIDA	18
MÃOS FRIAS	19
MINHA MÃE	20
AS FLORES	22
EU ME COLHO	23
A TERRA E O HOMEM	24
VERDEJAR	25
A BORBOLETA	26
LEMBRAMOS	27
DIA BREVE	28
TARDE	29
ENTRE OS SONHOS	30
O AZUL DO POMAR	32
POMAR	33
O ROUXINOL	34
ENTARDECER	35
A CABEÇA	36
A CASA	37
MORANGOS	38
SAPATOS	39
COBRIU-SE O RIO	40
ESTAVAS COMIGO	42
CARRO NUPCIAL	43
CORCEL BRANCO	44
OS OLHOS	45
SALA DO CAMPO	46
O VENTO	47

	Pág.
CÍRCULO	48
NOITE ESTRELADA	49
OUTONO	50
NA CINZA	52
PENEIRA	53
MOÇAS	54
MATA	55
O POÇO	56
CRISÂNTEMOS	57
BRANCOS CRISÂNTEMOS	58
A VOZ SUPERIOR	59
ÁRVORES	60
PÁSSARO	62
ROSAS AO POETA	63
OS ERRANTES	64

Printed in Brazil

